



A LIAHONA

MAIO

1969

**MOISÉS ORDENA AARÃO AO
SACERDÓCIO LEVÍTICO**

Leia na página 11



Mensagem de Inspiração

Henry D. Taylor

Assistente do Conselho dos Doze

A aceitação de um conselho sem o devido conhecimento da sua razão de ser, é freqüentemente mencionada como obediência cega. Mas a obediência não é cega se baseada na fé — fé implícita e confiante. Feitos maravilhosos podem ser realizados mediante a fé e a obediência. Em sua estada no deserto, o profeta Nefi foi instruído pelo Senhor a construir um navio com o qual pudesse atravessar as grandes águas. (1 Ne. 17:17)

A despeito do ceticismo e da zombaria dos seus irmãos, Nefi foi movido pelo espírito de obediência e teve fé e confiança em que o Senhor abriria o caminho para que pudesse cumprir o mandamento que recebera. Humilde, ainda que majestoso na sua confiança, proclamou aos seus irmãos: "Se Deus me ordenasse fazer tôdas as coisas, eu as poderia fazer. Se êle me ordenasse que dissesse a esta água: Converte-te em terra, ela se converteria; e, se eu dissesse, assim seria feito." (1 Ne. 17:50)

Atualmente, mediante a inspiração do Senhor, muitos programas valiosos estão sendo dados à Igreja. Tais programas têm o endosso, a aprovação e a bênção das Autoridades Gerais. Será que ouvimos a êsses servos escolhidos do Senhor, os quais preparam estas valiosas coisas para nós? Prestamos nossa obediência ao conselho que lhes vem mediante inspiração e revelação de nosso Pai Celestial?

Neste Número

Mensagem de Inspiração. Henry D. Taylor	2
Joseph Smith, sua fonte de conhecimento. David O. McKay	3
As Mães na Bíblia. Sterling W. Sill	5
Sensibilidade, um dom divino. Merla Greenwood Thayne	8
A Pintura de Moisés Ordenando Aarão. Richard J. Marshall	11
Sêres Extraordinários. Florence B. Pinnock	14
Um Cristão Número Um. George Durrant	15
Através dos Anos. Reed H. Bradford	16
As Mães Têm o seu lugar. Florence Bittner	19
Nossos Filhos... Joseph Fielding Smith	21
O Braço Forte da Coragem. Jay M. Todd	23
AMM das Môças, um século de irmandade.	25
"O Homem, a Mulher e Flôr". F. Máximo	27
Longe do Brasil... James W. Smart	30
Notícias.	31
Mamãe, Muito Obrigado por Tudo. Richard L. Evans	32

Capa

"Moisés Ordena Aarão", pintura do artista norte-americano Harry Anderson, é o tema da capa dêste mês comemorando a restauração do Sacerdócio Aarônico. Leia o artigo correspondente na página 11.

Editor

Hélio da Rocha Camargo

Redator

F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro

R. São Tomé, 520 — V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Estaca São Paulo

R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro, 215, CP 862
São Paulo, SP — Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul

R. Dr. Flôres, 105, 14.º — CP 3071
Pôrto Alegre, RGS
Tel. 4-9748

Missão Brasileira do Norte

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
Rio de Janeiro, GB
Tel. 25-1839

Missão de Construção

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

A LIAHONA — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguesa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e periódicos, conf. o Dec. 4857 de 9-11-1930.

Composto pela Linotipadora João A. Godoy. R. Abolição, 263. Impresso por Litográfica Comercial, R. Independência, 213, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: NCr\$ 6,00; para o Exterior simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: NCr\$ 0,60; exemplar atrasado NCr\$ 0,80. As mudanças de enderêço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.



JOSEPH SMITH

Cento e quarenta e nove anos atrás, Joseph Smith, um rapaz contando apenas 14 ou 15 anos de idade, declarou que em resposta à sua oração sincera recebeu uma revelação de Deus. Sua declaração foi simples, mas positiva e surpreendeu-se de que os homens duvidassem da sua verdade. Para êle, era tão sômente a afirmação de um simples fato; para o mundo cristão provou ser uma descarga elétrica que abalou a sua estrutura religiosa do torreão aos alicerces.

Os dois elementos mais importantes da sua mensagem são: Primeiro, que Deus é um ser pessoal que comunica a sua vontade ao homem; e, segundo, que nenhum dos credos da cristandade tinha o verdadeiro plano de salvação. Na verdade, tais "credos eram uma abominação" à vista de Deus, pois, ensinavam "como doutrina os mandamentos dos homens, tendo uma religiosidade aparente, mas negam o seu poder." (Veja Joseph Smith 2:19; leia também II Timóteo 3).

Esta ousada afirmativa, como irrestrita rejeição da ortodoxia prevalescente, como desafio aos ministros, do jovem de olhos azuis e belos cabelos louros não

sua
fonte de
conhecimento

Pres. David O. McKay

**“Sou como a pedra bruta. O som do malho e do cinzel jamais foram ouvidos em mim até que o Senhor tomou-me em suas mãos.”
Joseph Smith**

tem paralelo desde os dias de Jesus de Nazaré. A isso nem mesmo o desafio de Lutero em Worms faz exceção, pois, o seu inspirado esforço de início visava apenas purificar a Igreja de práticas corruptas, enquanto Joseph Smith rejeitou os credos como desprovidos de autoridade e muitas das suas doutrinas como inteiramente falsas.

Como resultado, Joseph Smith foi imediatamente pôsto no ostracismo pelo mundo religioso. Em breve período viu-se inteiramente só.

Só — ignorante da filosofia e da erudição do seu tempo.

Só — sem instrução nas artes e nas ciências.

Só — sem nenhum filósofo para instruí-lo, sem nenhum ministro para orientá-lo.

Com simplicidade e bondade apressou-se em levar-lhes a sua mensagem gloriosa, com desprezo e escárnio o dispensaram, dizendo que "...não havia tais coisas como visões ou revelações nestes dias; que tudo isso havia cessado com os apóstolos, e que nunca mais se verificariam." (Joseph Smith 2:21)

Assim, aos 14 anos, Joseph Smith foi abandonado para embarcar sozinho num oceano de pensamento religioso, tendo rejeitado todo barco conhecido no qual zarpar, e sem jamais ter visto construírem um ou ter construído um por si mesmo. Claro, se fôsse um impostor, o barco que poderia ter construído haveria de ser bastante tosco.

Por outro lado, se o que construiu exibe a excelência e a superioridade sobre o que os professores instruídos e os filósofos têm dado ao mundo durante as centenas de anos precedentes, os homens serão forçados a dizerem surpreendidos: "De onde lhe provém esta sabedoria!"

Pareceria então que, embora parecesse estar só, estava apenas tão só quanto Moisés no Monte Sinai ou Jesus no Monte das Oliveiras. Assim como foi com o Mestre, semelhantemente foi com o Profeta; as suas instruções não lhe vieram por meios humanos, mas diretamente de Deus, fonte de toda a inteligência. Disse êle: "Sou como uma pedra bruta, o som do malho e do cinzel jamais foram ouvidos em mim até que o Senhor tomou-me em suas mãos. Sômente desejo o conhecimento e a sabedoria dos céus." (Smith, Joseph, *History of the Church*, p. 423)

O resultado dessa divina orientação foi a segurança da retidão do que êle ensinava e o destemor em proclamá-lo. Quando Joseph Smith ensinava uma doutrina, ensinava-a com autoridade. Não se preocupava se concordava com os pensamentos do homem ou não, se estava em harmonia com os ensinamentos das igrejas ortodoxas ou se em direta oposição a elas. O que lhe era dado, dava ao mundo a despeito do seu acôrdo

ou desacôrdo, da sua harmonia ou discórdia, com a crença das igrejas ou com os padrões prevaescentes da humanidade. É interessante e proveitoso saber como o avançado pensamento de hoje se harmoniza com o que êle ensinava com tanta autoridade há mais de um século. O espírito orientador da sua vida manifestou-se logo no início e harmoniza-se com a sua maravilhosa declaração de que Deus lhe havia falado. Nas suas próprias palavras: "O que quer que Deus requeira é justo, não importa o que seja, mesmo que não possamos ver a sua razão senão muito depois de ter-se passado." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 256)

Sua afirmação de ter recebido revelação de Deus, uma vez confirmada, não deixa dúvida quanto à sua autoridade para organizar a Igreja de Cristo sobre a terra, e para administrar com autoridade os seus princípios e ordenanças. Assim, logo no comêço desta grande obra dos últimos dias foi lançada a imóvel pedra angular da Igreja de Cristo nesta dispensação; isto é, autoridade para officiar em nome de Jesus Cristo nas coisas pertinentes à sua Igreja.

A harmonia dos ensinamentos de Joseph Smith com os ensinados pelo Salvador e seus apóstolos; a razoabilidade da sua afirmativa de que os homens devem ser chamados por Deus para officarem nas coisas pertinentes a Deus; a organização completa da Igreja; seu governo, leis, e maravilhosas adaptações às necessidades e progressos da humanidade — estas e muitas outras fases desta grande obra dos últimos dias, quando mesmo apenas parcialmente compreendidas, levam as pessoas que raciocinam a ponderarem sobre as histórias da sabedoria do Profeta.

As marcas da sua influência sobre o pensamento religioso são manifestas por toda parte; e quer os homens o reconheçam ou não, a luz que veio do céu há mais de um século está dissipando a escuridão que escravizou as mentes dos homens durante séculos.

Quando olhamos na perspectiva de um século e meio e vemos o menino profeta sozinho no meio de um mundo tempestuosamente religioso, declarando que Deus havia-lhe falado e que não havia uma única Igreja de Cristo autorizada sobre a terra; quando sabemos que para validar sua afirmação, êle deveria dar ao mundo algo superior ao que foi produzido pela filosofia dos séculos e a melhor sabedoria do homem; quando compreendemos quão impotente era êle para fazer isto se dependesse somente da sua própria sabedoria e instrução; não podemos deixar de concluir, uma vez que êle deixou ao mundo algo que ainda hoje permanece com um brilho e uma sublimidade superior a tudo o que já foi proclamado pela sabedoria humana, que seguramente êle foi, em verdade, o Profeta Eleito dos últimos dias.



AS MÃES NA BÍBLIA

Sterling W. Sill

Assistente do Conselho dos Doze

No Dia das Mães honramos esta tão importante pessoa que conta logo após Deus no que respeita a beneficiar a nossa vida. Ela serviu como molde no qual a nossa forma física foi fundida, e ela molda também a nossa vida espiritual, mental e moral.

A palavra "mãe" também tem significados simbólicos e metafóricos. Cícero certa vez destacou que a gratidão era a mãe das virtudes. Uma gratidão genuína é a espécie de matriz da qual podem proceder a santidade, a fé e a aspiração. É-nos útil compreender que os traços de caráter, ideais e habilidades também têm mães, e é uma boa idéia rastreamos o resultado para ocasionalmente virmos a conhecer o poder que lhe deu vida.

É um fato interessante que mesmo o Filho de Deus teve necessidade de mãe. Anualmente recontamos a história daquela noite em Belém, num passado já distante, quando Maria deu a partida de Jesus em direção ao seu destino. O Novo Testamento refere 89 citações do Velho Testamento feitas por Jesus, mas nós podemos imaginar quantas vezes ele não terá citado sua mãe.

A Bíblia é costumeiramente considerada como a nossa maior posse terrena. Contém as instruções pelas quais nossas vidas podem tornar-se eternas e gloriosas. Quão grandemente a própria Bíblia deve ter sido enriquecida por aquelas maravilhosas mulheres que criaram os profetas e ajudaram a formar a cultura em que vivemos.



Suponho que um bom lugar para começar um estudo sobre as mães da Bíblia é onde o próprio Deus começou. Todas as nossas vidas começaram no céu. Paulo disse: "... tínhamos os nossos pais na carne que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai dos espíritos, e então viveremos?" (Hb 12:9)

Certamente, ninguém jamais teve um pai nos céus ou em qualquer outro lugar sem também ter uma mãe. O céu não seria céu sem mulheres. Na sua sabedoria Deus criou um corpo mortal para abrigar o magnífico espírito imortal do homem.

Então disse Deus de Adão: "Não é bom que o homem esteja só." (Gn 2:18) Assim, um tabernáculo feminino foi preparado para a grande mulher que tinha sido escolhida para ser a esposa de Adão. É interessante notar que as mulheres foram criadas com maior beleza física do que os homens. Têm também disposição mais gentil. São mais amáveis e espirituais em sua natureza. Foram preparadas para serem mães do grande número de espíritos que estão aguardando o privilégio da mortalidade. Na existência antemortal, Adão fora conhecido como Miguel, o Arcanjo, e indubitavelmente Eva equiparava-se ao seu grande marido. Foi pela sua excelência antemortal que eles ganharam o privilégio de serem os progenitores da humanidade.

Após ter-lhe aberto os olhos, o Senhor explicou a Adão a necessidade de trabalhar e ganhar o seu pão com o suor do seu rosto. O registro divino aponta que "Eva, sua esposa, também trabalhava com ele." Diz ainda a mesma fonte que veio o Espírito Santo sobre Adão, e a Adão e Eva foram dadas muitas revelações de Deus; e Adão abençoou a Deus, dizendo: "... por causa da minha transgressão meus olhos foram abertos e terei alegria nesta vida, e em carne verei outra vez a Deus." E o registro diz que quando "Eva... ouviu todas estas coisas e se alegrou, dizendo: Se não fôsse pela nossa transgressão, jamais teríamos tido semente, jamais teríamos conhecido o bem e o mal, nem a alegria da nossa redenção, nem a vida eterna que Deus concede a todos os obedientes." E Adão e Eva deram a conhecer aos seus filhos as grandes verdades de Deus. (Moisés 5:10-12) Devem ter gozado grande alegria em ensinar aos seus filhos. Quando nasceu Caim, Eva deleitou-se e disse: "Adquirí um varão com o auxílio do Senhor." (Gn. 4:1)

Mais tarde nasceu Abel, e por mais de novecentos anos a responsabilidade dos nossos primeiros pais foi a de efetivamente estabelecer a raça humana sobre a terra. Conheceram também a tragédia de terem filhos que se extraviaram. Que choque devem ter recebido quando Caim matou seu irmão e atraiu maldição sobre si mesmo. Mas o profeta Daniel fala do dia quando Adão, a quem ele chamou o "ancião de dias" ou o homem mais velho, sentar-se-á para julgar o seu povo. Daniel diz que milhares de milhares o servirão e miríade de miríade estarão diante dele. (Dn 7:9-12) Certamente, quando chegar esse dia, nossa fiel mãe, Eva, estará ao lado dele.

Há outra mãe bíblica que em algo assemelha-se a Eva. Sara foi mulher de Abraão, e o Senhor também a chamou "mãe das nações" e disse que muitos reis estariam na sua posteridade. Ela e seu marido foram escolhidos para abandonarem a pecaminosa sociedade da sua pátria e ajudar Deus a estabelecer uma grande nova nação de justos. Sara era muito bonita; as qualidades da sua personalidade e os traços do seu grande caráter brilham vividamente nas páginas da história sagrada. Era inteligente, paciente e atraente. Evidentemente, era feliz no lar nômade em que vivia com Abraão.

Sara deu à luz Isaque, seu primogênito, aos noventa anos de idade. Ajudou a transmitir a Isaque o amor que ela e Abraão sempre tiveram por Jeová. Após a sua morte, Isaque prestou-lhe o supremo cumprimento daqueles dias deixando a sua tenda desocupada até que Rebeca a ocupasse como sua esposa.

Outra grande mulher da Bíblia foi Raquel (que significa serena e humilde). Fôra a mulher conseguida por Jacó após 14 anos de trabalho. Mas Raquel era também estéril. O primeiro mandamento de Deus fôra: "multiplicai-vos e enchei a terra" (Gn. 1:28), e este instinto natural havia sido seguramente plantado no coração de Raquel. Eventualmente, à beira do desespero, Raquel clamou angustiada: "Dá-me filhos senão morrerrei." (Gn. 30:1) Finalmente, Raquel deu à luz José, um filho pelo qual valeu a pena esperar. Mas a vida desta maravilhosa mulher teve um fim precoce ao dar luz seu segundo filho, Benjamim.

Raquel deve ter tido uma bela aparência, fala e maneiras gentis, disposição amável. Sentimos que o amor de Jacó por ela viverá pela eternidade. O pilar de pedras que ainda marca o seu túmulo fora de Belém também nos relembra de uma das mais deliciosas histórias de amor.

Joquebede foi a mãe de três filhos famosos: Moisés, Miriã e Aarão. Foi mulher de fé altaneira e engenhosa. Quando defrontou-se com um édito governamental para destruir o seu recém-nascido Moisés, fêz-lhe um cesto de vime, vedou-o com betume e escondeu-o no carriçal à beira do rio, onde encontrou-o a filha do faraó quando veio banhar-se. Então, a fiel guardiã de Moisés, Miriã, sua irmã, correu à princesa e ofereceu os serviços de sua mãe como ama e mestra do seu futuro grande filho.

Rute é outra inspiradora mulher da Bíblia. É celebrada principalmente por sua lealdade à sua sogra Noemi. O marido de Noemi e seus dois filhos haviam morrido, sozinho, decidiu retornar ao velho lar em Belém. Entretanto, arrazoou ela, seria melhor para as suas norras arranjar novos maridos e permanecerem entre o seu próprio povo em Moabe. Mas Rute amava sua sogra e queria estar com ela. Ela nos mostra maravilhosamente a afinidade que algumas vezes existe entre uma jovem e uma velha.

Rute disse à sua sogra: "Não me instes para que te deixe, e me obrigues a não seguir-te; porque aonde quer que fôres, irei, e onde quer que pousares, ali pousarei eu, o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus."

"Onde quer que morreres, morrerei eu, e aí serei sepultada; faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti." (Rute 1:16-17)

Assim, Rute retornou a Belém, onde respigava nos campos de Boaz. Então, sob a perita instrução de Noemi, um terno romance desenvolveu-se entre Rute e Boaz, os quais mais tarde vieram a ser os bisavós do rei Daví.

Outra nobre mulher da Bíblia foi Ana, mãe do grande profeta hebreu Samuel. Ana é um exemplo de dedicação a Deus que possivelmente jamais foi excedido. Ana passou a maior parte do seu tempo em pranto e amargor de espírito porque não tinha filhos. Durante a oração que fez no templo em Siló, fez voto de que se Deus lhe desse um filho, ela dedicaria a vida deste filho ao serviço divino. Deus atendeu a oração de Ana e esta guardou a sua promessa. Quando o menino tinha apenas três anos, a corajosa Ana levou-o ao templo e obediamente confiou-o ao Senhor. O menino começou os seus deveres sacerdotais sob a direção de Eli, e eventualmente o próprio Samuel tornou-se sacerdote do templo e então profeta do Senhor. Um dos grandes privilégios de Samuel foi ungir Daví, rei de Israel.

Então temos Maria, a virgem mãe de Jesus. É muito interessante contemplar a espécie de jovem que Maria deve ter sido para que fôsse escolhida por Deus para ser a mãe do seu Filho. Era pura de coração e possuía beleza de caráter. Dedicou sua vida inteiramente a Deus, e recebeu o maior papel que qualquer mulher já foi chamada a desempenhar. Tornou-se mãe quando era ainda muito jovem, segundo os nossos costumes. Mas possuía uma humildade suprema, ilimitada devoção e irrestrita obediência à vontade de Deus.

Ao confiar a Isabel, sua prima, que estava para ser mãe do Filho de Deus, Maria disse: "Minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador, porque contemplou na humildade da sua serva. Pois desde agora tôdas as gerações me considerarão bem-aventurada. Porque o Poderoso me fez grandes coisas. Santo é o seu nome." (Lucas 1:46-49)

Indubitavelmente, Maria derramou muitas lágrimas de alegria e gratidão quando segurou pela primeira vez o Cristo menino em seu colo em Belém. Deve ter derramado outras tantas lágrimas ao vê-lo desenvolver a sua esplêndida maturidade. Mas então a hostilidade do povo voltou-se contra êle, e Maria finalmente foi abandonada à espera daquelas longas horas ao pé da cruz. Mas mesmo na sua morte, foi ela grandemente abençoada entre as mulheres.

Algumas vezes vemos mais claramente uma idéia positiva quando consideramos o seu lado negativo. Há vários anos, uma estimulante história para o Dia das Mães foi escrita por Lillieth Schell, intitulada "A Outra Mulher". Em parte é a história da crucificação. Ilustra a agonia e o sofrimento que teve lugar sôbre a cruz. Fala da sede, dos lábios secos, e de vinagre. Então veio a amargura daquele último brado seguido pelo terremoto, pelas trevas e terror. Da cruz, Jesus indicou o seu apóstolo amado e disse à sua mãe: "Mulher, eis o teu filho!" A João disse: "Eis a tua mãe!" (Jo. 19:26-27)

Após o fim, João tomou Maria, Salomé e as outras mulheres e levou-as a sua casa. Mais tarde nessa noite, em meio ao seu pranto, bateram à porta. João abriu e viu uma estranha mulher diante de si.

Disse-lhe: "A quem buscas?"

Disse a outra mulher: "A mãe daquele que foi crucificado."

Disse João: "Está aqui, porém não posso permitir que a perturbes."

A mulher disse: "Mas debes," e empurrou João para o lado, entrando pelo portal iluminado além do qual estava aquêle grupo de mulheres aflitas. Fêz uma momentânea pausa enquanto seus olhos acostumavam-se à luz. Então, após ter identificado a mulher que buscava, dirigiu-se a Maria e disse-lhe: "Trago-te compaixão."

Maria replicou: "Agradeço-te, ó mulher; quem quer que sejas, agradeço-te."

Então disse a outra mulher: "Ó tu que és feliz."

Agitada pela estranheza de tais palavras, Maria, a mãe de Jesus ergueu seus olhos molhados e fitou a face da estranha. O que viu fê-la esquecer-se da sua própria amargura e tristeza. "Irmã," disse ela, "antes eu dar-te-ia compaixão. Tua perda, tua tristeza, quão grandes devem ser. Dir-me-ás quem és? Falar-me-ás delas?"

"Meu nome é Judith," respondeu a mulher. "Vim de Cariotes da Judéia."

Disse Maria: "Amiga minha, não podes falar-me da tua tristeza? Talvez eu possa ajudar-te. Prazeirosamente a partilharei contigo."

"Minha tristeza," disse Judith, "é tal que jamais a poderás compreender." E removeu da testa uma mecha de cabelo grisalho com a mão. Então, segurando a garganta como para aliviar um afôgo terrível alí, murmurou: "Sou a mãe de Judas Iscariotes."

Encerro com uma honorável menção de apenas mais uma grande mulher, e essa é a nossa própria mãe. Possa Deus ajudar-nos a sermos dignos dela.



SENSIBILIDADE - um dom

Não tenho talento. Não tenho criatividade.”
Ouvi esta expressão dos lábios de uma querida amiga. Ao contemplar a sua face bela e radiante, pensei comigo mesma, quão errada você está, querida; a beleza é um dom em si mesma, você a tem, e muito mais ainda.

Lembrei-me de uma ocasião em que estávamos juntas e o crepúsculo filtrava uma névoa azul sobre o mar irrequieto. As gaivotas giravam e planavam sobre as ondas espumejantes. Todas as cores fundiam-se cerúleas e opalinas, e o céu parecia muito próximo. Após alguns momentos de silêncio, ela disse ofegante: “Que maravilhosa sinfonia em azul e branco! Oh, quem me dera ter o dom da palavra!”

Doutra feita nos encontramos com a neve pelos joelhos à margem de um pequenino lago. O sol explodiu repentinamente borrifando seu brilhante zarcão sobre a neve recém caída. A resplandesciente paisagem refletiu-se numa pocinha não mais profunda que um aquário. Ela chorou aberta e desinibidamente. Eu também.

Como é que na nossa sociedade nos inclinamos a sentir que a criatividade diz respeito à produção concreta: escrever um poema, compor uma sinfonia ou pintar uma tela? O que dizer a respeito da multidão que lê com compreensão e aprêço os livros que já foram escritos, que interpretam as grandes obras e ouvem música, não somente com o olho e ouvido, mas também com o coração? E o que dizer sobre aqueles, que como

essa minha amiga, cuja atenção espontânea derrama-se sobre o sentimento alheio? Não é este dom passivo tão indefinível quanto os outros ativos?

A criatividade é mais uma atitude que uma aptidão. Não é propriedade exclusiva de um gênio. Há uma centelha inata dela em todo ser humano e desenvolve-se com a sensibilidade da alma a coisas maiores do que ela. Esta atitude é excitada por um róseo por de sol após a chuva. É evidenciada pela experiência do infinito quando se contempla o grande sistema solar numa noite clara de estrelas. Floresce com o assombro que se sente ao contemplar-se um bebê recém nascido, ainda molhado do dilúvio do nascimento. É o enlévo do espírito que vem da gratidão e da silenciosa palestra com Deus. Este despertar, quando pôsto em ação, torna-se criatividade. As pessoas a quem chamamos talentosas reconhecem este estado desperto instintivamente. O resto de nós devemos cultivá-lo e aprender como pô-lo em funcionamento.

Os orientais fazem da sensibilidade uma arte. Esforçam-se por desenvolverem em si mesmos e no seu círculo de relações uma profunda apreciação individual dos prazeres e belezas que estão à mão. Por exemplo, algumas casas japonesas estão equipadas com janelas especiais para se contemplar a lua. Se lhe ocorrer estar visitando o Extremo Oriente em época de lua cheia, possivelmente será convidado à uma festa de contemplação da lua. Ao juntar-se aos demais para ver a lua inun-



divino

Merla Greenwood Thayne

dar os telhados e pratear os jardins, você deverá permanecer em silêncio. Sua anfitriã suporá que tôda a sua atenção se faz necessária à absorção e ao sentir do milagre da noite.

A primeira nevasca no Japão é outra ocasião celebrada. Uma senhora tinha um pavilhão em seu jardim que lhe permitia a melhor visão da neve caindo. Ela e os seus hóspedes sentavam-se em silêncio para contemplar o seu mundo cambiante. Enquanto os observadores contemplam com o que chamamos talento passivo, aquêles que aprenderam a colocar sua sensibilidade em ação munem-se de tintas, cavaletes ou pena para registrarem suas impressões.

O dom da sensibilidade, tal como os dons mais criativos deve ser cultivado desde a infância. O mundo de um bebê é fresco e nôvo, cheio de maravilhas e excitamento. O bebê vem ao mundo "ainda tinto da glória celestial." Se as maravilhas da infância não são mantidas vivas e constantemente redescobertas mediante a ajuda de um adulto desperto, a visão inata da criança poderá ser obscurecida e trágicamente perdida antes que ela alcance a maturidade.

Numa memorável noite da minha pretérita infância, fui despertada do meu sono e levada para fora. Boquiaberta nos meus pijamas, ergui meus olhos para um céu flamejante.

"A Aurora Boreal," explicou mamãe. "Luzes dos céus setentrionais."

Jamais esquecerei a impressão que causou em mim. O horizonte norte estava em chamas. Arcos róseos e fitas rosa e amarelas envolviam o céu. Relâmpagos de brilho encrespados como línguas de fogo, algumas vezes movendo-se como cortinados ao sabor do vento. Este grande fenômeno é visto no norte dos Estados Unidos só ocasionalmente, e suponho que um sono interrompido foi um pequeno preço pago por tal visão. Desde aquela memorável noite, qualquer pôr de sol brilhante, cada nuvem côr de rosa, até mesmo uma mera faixa rosa enche-me de nostalgia.

O despertar da sensibilidade que adquiri naquela noite foi partilhado com a geração seguinte. Um dia tomei meu filhinho pela mão para mostrar-lhe a glória das montanhas veladas de rosa ao pôr do sol. "Deus é o maior dos artistas, não é mesmo, filho? Fêz nosso mundo tão maravilhoso!"

Ele me recompensou dias mais tarde ao exclamar excitado deixando o seu brinquedo: "Mamãe, mamãe, o Pai Celeste pintou as montanhas tôdas de rosa. Acho que ele tem o maior pincel do mundo!" Meu filho estava despertando para a sensibilidade.

"Como poderei ensinar a meu filho sôbre a natureza?" certa mãe perguntou-me. "Sei tão pouco sôbre o assunto. Nem sei diferenciar uma árvore da outra. Não sei identificar os pássaros. As estrêlas e a lua estão fora do meu alcance. Como poderei ensinar o que não sei?"

"Sentir é mais importante que saber. Provavelmente poucos, se é que algum faz exceção, dentre os hóspedes na festa de contemplação da lua compreendem a ciência do sistema solar; não obstante, cada um deles pode sentir-se maravilhado com o espaço exterior. Quando na minha infância contemplei o esplendor da aurora boreal disseram-me que era o sol da meia noite do grande lar setentrional dos meus antepassados, e bastou essa informação. Senti a maravilha da criação sem precisar saber que êste fenômeno pode ser causado por partículas elétricas ou elétrons emitidos pelo sol e refletidos no seu vôo pelo campo magnético da terra. Êste conhecimento só foi adquirido muito tempo depois, no rastro da curiosidade despertada em minha mente na noite daquela experiência. Agora a minha criatividade me convida a fazer algo a respeito.

No seu livro **O Mundo através dos três sentidos**, Helen Keller escreveu: "Gostaria de lembrar aos pais e mestres o seu poder de instruir as crianças desde os seus primeiros anos quanto ao emprêgo correto dos seus cinco sentidos. A mais segura esperança de renascimento cultural está sempre na criança. A fim de obter a mais elevada educação, ela deverá ser persistentemente encorajada a extrair alegria e interesse construtivo da visão, da audição, do tato, do olfato e do paladar. Como tôdas as formas de educação, os sentidos da criança devem ser excitados por técnicas adequadas à sua própria individualidade.

"...tenho notado um sadio efeito sôbre um bebê focando seus olhos sôbre uma côr agradável ou sôbre uma concha delicadamente esculpida, dando-lhe a ouvir música que o encanta, tocando uma face que ama, ou sentindo a fragrância de uma flôr para a qual sorri. Se a mãe dedicar-se com gentil arte ao desenvolvimento do poder de todos os sentidos com o mesmo empenho que dedica à preservação da saúde da criança, a recompensa será imprevisível. Os cinco sentidos da criança são as cinco fadas fiéis que, se cultivadas e ouvidas, lhe entregarão seus preciosos testemunhos de majestade, o esplendor do arco-íris, maravilhosos sonhos realizados. Estará sempre encantado e confortado pelo céu, pela terra, pelo mar. Não sômente alcançará uma mordomia bem ordenada dos seus sentidos como também sempre terá melhor probabilidade de maturidade espiritual. Pois há, estou convencida, uma correspondência entre os poderes do corpo e do espírito; e quando os cinco sentidos, ou quantos deles houver, servem de portais para um mundo interior; o indivíduo atinge sua plena capacidade de prazer tanto quanto de auto-domínio."

Pequenas e maravilhosas coisas muito freqüentemente passam despercebidas. Já espiou grãos de areia com uma lupa? tornam-se aglomerados de cristais e rosas. Qualquer criança que não tenha observado um floco de neve com uma lupa tem perdido uma rica experiência estética. Um simples ouriço-do-mar apanhado na praia faz-me maravilhar. Que intrincado desenho floreado — uma filigrana perfeita como se obrada pela mão humana. A versátil atividade da formiguinha é um milagre de criatividade. Cada flôr, cada simples fôlha, ou qualquer criaturazinha contemplada por meio de uma lente revela beleza e complexidade inesperadas.

Os outros sentidos, além da visão, podem trazer

muito deleite: a fragrância de terra molhada após a súbita chuva de primavera, o arôma de pão quente, o odor dos tempêros que emanam da cozinha, o cheiro do mar ao encher e vaziar a maré, a mistura de perfumes de um jardim florido.

Ouvir requer um cultivo muito mais consciente. Em alguma manhã de primavera, acorde seu filho pela madrugada, antes que o ruído do tráfego e a bulha da azáfama humana encham-nos os ouvidos. Ouçam juntos. Ouvirá sons que jamais ouviu, talvez um côro de pássaros — paparoxos, tôrdos, pardais. Com um pouquinho de sorte talvez ouça algum bacurau cantando pela noite afora até ao amanhecer. Numa tarde qualquer, quando o vento está irrequieto, deixe o ruído do tráfego e procure o sossêgo do campo. Ouça. Logo seus ouvidos detetarão o canto dos pássaros migradores, uns chamando os outros.

Chame constantemente a atenção de seu filho para a boa música. Encha o seu lar com ela. Empregue algum tempo em sentar-se para ouvir música com seu filho. Estimule a sua imaginação perguntando-lhe o que lhe relembram os vários sons e ritmos. As crianças buscam a música através dos seus sentidos e das emoções. Não estabeleça para ela limitações baseadas em pressupostos. Deixe-a à vontade com a música. Tenha boas gravações à disposição e deixe-a reproduzi-las tão logo ela tenha idade suficiente para manejá-las. Talvez isso se dê muito antes do que você espera. Deixe-a reproduzir o que e quando quiser. Após ter-se familiarizado bastante com uma peça musical, ela poderá interessar-se em conhecer o compositor e o que a música representa. Cante com seu filho mesmo que você desafine. Cante com alegria e naturalidade. Dance com seu filho. Encoraje-o a interpretar e expressar a música por meio da atividade muscular.

A sensibilidade e a exploração das maravilhas que nos rodeiam oferecem mais que um agradável passatempo. A despeito das vicissitudes e aborrecimentos da vida, a sensibilidade conduz à paz interior e ao contentamento. O que está desperto junta reservas de energia as quais durarão por tôda a sua vida. Entesoura saúde e renovação constante, tanto física como mental. Sua fé em Deus fortifica-se ao contemplar as maravilhas da criação divina. Sua sensibilidade encontrará gôzo em algum dom de expressão para que possa ajudar a outrem ao longo do caminho e trazer bênçãos à humanidade.

O dom da sensibilidade é gratuito para todos, pois a natureza é eternamente recompensadora. Vivamos no campo ou na cidade, partilhamos o mesmo céu azul, e a maioria de nós está apto a contemplar o dilúculo e o crepúsculo, ver o brilho do sol de dia e o das estrelas de noite. O vento ainda sibila na floresta, mas o seu eco pode ser ouvido no beiral de casa. Na cidade ou no campo podemos sentir a chuva na face ao contemplarmos sua jornada desde as nuvens até o oceano. Os pássaros ainda migram no outono e retornam novamente com os seus cantos e ritmos, música de graça para quem a quiser ouvir. As estações sempre cumprem as suas promessas e a maioria de nós pode cantar uma canção de ninar ou um hino de louvor. Precisamos apenas nos dispor, abrimos nossos corações e despertarmos.

A Pintura de Moisés Ordenando Aarão

Richard J. Marshall



Outra pintura da série dos grandes momentos da história religiosa foi recentemente completada para ser exposta, reproduzida e usada na Igreja. A nova obra, da autoria do ilustrador americano Harry Anderson, cristaliza para o observador um dos mais importantes episódios da história bíblica, revelando como o artista concebeu aquela sagrada ocasião quando, instruído por Deus, Moisés impôs suas mãos sobre a cabeça do seu irmão mais velho, Aarão, conferindo-lhe as chaves do Sacerdócio menor, ou Levítico, o qual mais tarde levaria o nome de Aarônico.

Para a execução desta cena, uma cuidadosa pesquisa bíblica foi levada a efeito. A cena mostra êstes dois irmãos levitas no átrio do tabernáculo à luz de um ensolarado dia, típico dos quarenta anos em que o povo andou errante pelo deserto. O átrio do tabernáculo que Moisés fôra mandado erguer estava isolado do mundo exterior por "cortinas de linho fino torcido; o comprimento de cada lado... cem côvados" (cêrca de 45 metros, NT) (Ex 27:9). Ombro a ombro, em pé, na extremidade do pátio vê-se membros da tribo de Levi, alguns dêles portando as tradicionais trombetas de metal polido.

Disse Deus a Moisés: "Faze também vir para junto de ti Aarão, teu irmão, e seus filhos com êle... para me oficiarem como sacerdotes..." (Ex 28:1) Dois dos quatro filhos de Aarão postam-se à entrada do tabernáculo, observando Moisés abençoar e conferir autoridade a seu pai.

Embora, na pintura, as roupas de Aarão pareçam um tanto curiosas e imaginosas, na verdade foram acuradamente tomadas das precisas descrições encontradas no livro do Êxodo, pois o Senhor declarou que Aarão deveria usar roupas sagradas "para glória e ornamento... para que me ministre o ofício sacerdotal." (Ex 28:2-3) Essas revelações puseram grande ênfase em cada peça do vestuário, o qual incluía um peitoral de ouro, estôfo azul, púrpura e linho escarlate, com quatro ordens de pedras engastadas, tendo nelas esculpidos os nomes das doze tribos. Havia outras duas pedras, uma em cada ombro do éfode, ou estola sacerdo-



tal, as quais também levavam os nomes dos filhos de Israel, seis em cada pedra. Estas estavam ligadas ao peitoral por duas correntes de ouro puro. Desejava o Senhor que tôdas estas coisas fôsem feitas como "obra esmerada", descrevendo o comprimento e a largura dos engastes e as qualidades de pedras: "a segunda ordem será de esmeralda, safira e diamante; a terceira ordem será de jacinto, ágata e ametista." (Veja Êxodo 28:15, 18-19) Também no peitoral, mas de modo não visível para o observador, estava o sagrado Urim e Tumim, para que Aarão estivesse consciente de levar "o juízo dos filhos de Israel sôbre o seu coração."

As demais peças: a sobrepeliz, o cinto, a mitra, com a inscrição: "Santidade ao Senhor" (Ex. 28:36), a túnica bordada — tudo foi reproduzido com detalhes,

até mesmo as campainhas de ouro e romãs bordadas na orla da sobrepeliz multi-colorida e resplandescente.

Muitos dêstes detalhes da representação destas vestes sagradas foi colhida no Museu Hebraico de Nova Iorque, onde as antigas tradições dos judeus foram cuidadosamente preservadas.

A luz do sol dança sôbre a bacia de cobre polido assentada no suporte de bronze entre o altar e a porta do tabernáculo. Os sacerdotes, Aarão, seus filhos e outros da Tribo de Levi, lavam as suas mãos e pés na bacia antes de ministrarem diante do altar ou antes de entrarem no santuário do tabernáculo. Esta cerimônia, segundo os judeus tradicionalistas, simbolizava a santidade que é requerida para o serviço de Deus no tabernáculo.



Quando Moisés estava pronto para fundir a bacia, foi ela feita com os espelhos de bronze e de cobre usados pelas israelitas, os quais elas doaram para que esse vaso sagrado fosse feito. Tal como o desenho das roupas de Aarão, o desenho da bacia foi tomado das Escrituras e das referências do Museu Hebraico. A base continha água para a lavagem dos pés, enquanto o corpo da bacia era usado para lavar as mãos.

O tabernáculo tinha dois altares: o altar do incenso, que ficava no Santo Lugar diante do véu no interior do tabernáculo, e o altar do holocausto, que ficava neste pátio exterior. Feito de madeira de acácia e coberto de bronze, tinha argolas e varais distintamente descritos nas Escrituras. Tem sido freqüentemente contado, na tradição judáica, que a posição deste altar ex-

terior era muito importante. Ficava bem no limiar do tabernáculo sagrado, ensinando claramente que o "homem não tem acesso a Jeová senão pelo sacrifício." Estes grandes objetos de metal — a bacia e o altar do holocausto — bem como o incômodo tabernáculo e as cortinas exteriores, os quais eram transportados no deserto dia após dia, somente para serem erguidos e depois desmontados novamente, são poderosas evidências visuais da florescente fé e disciplina de Israel sob a firme autoridade de Moisés.

Espera-se que esta pintura seja um instrumento adequado para a instrução da nossa juventude, reforço para os que conhecem o seu significado e alavanca para abrir a mente e o coração dos que desejarem conhecer mais sobre o Sacerdócio e o reino de Deus.

SÊRES EXTRAORDINÁRIOS

Florence B. Pinnock

A mamãe faz os melhores biscoitos do mundo!" jactava-se o menino. "E a minha sabe fazer os melhores doces!" Anuiu um outro de quatro anos. Sem querer ser deixado para trás, outra vizinha exclamou: "Mas a minha mãe pode fazer muito mais, ela faz tudo, pode até sorrir mesmo que esteja louca da vida." Sim, as mães são seres extraordinários aos olhos dos seus filhos, e o são muito merecidamente.

Mamãe é
um beijo ao adormecer,

um amanhecer radioso,
um alegre olá,
um arco-íris num céu cinzento,
um aceno carinhoso
um tapinha nas costas
uma companhia na oração
um estímulo à consciência
uma resposta honesta
um montão de pipocas quentinhas
uma porta abrindo-se para o amanhã e
um milhão de coisas boas —
ela é extraordinária, um gigante.

De fato, uma criança de menos de um metro precisa voltar-se para cima a fim de que possa fitar a face da mãe. O adolescente usualmente já tem a mesma altura que a mãe, mas quando o jovem a ultrapassa, deveria ainda ser capaz de voltar-se para cima a fim de poder fitar sua face, mesmo que ela tenha pouco mais de metro e meio. Isto requer uma boa dose de contribuição por parte dela.

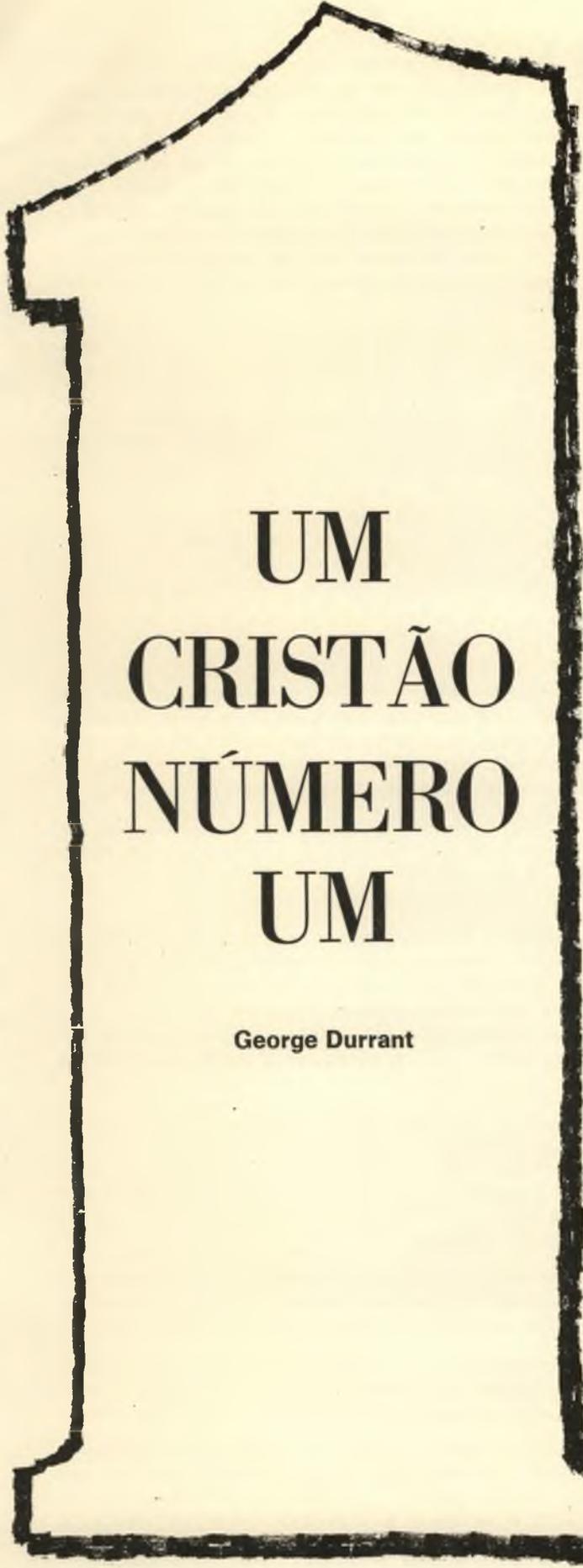
Ao segurar seu bebê pela primeira vez ela começa a merecer êsse amor e respeito pela primeira vez. Deverá prosseguir pelos dias afora, ano após ano, em cuidado constante e completo, servindo e amando, sempre esperando o melhor em seus filhos. A mãe não pode desistir jamais. Ajuda se souber fazer biscoitos deliciosos e outras guloseimas; mas ajuda muito mais a ganhar a admiração dos filhos se souber sorrir mesmo quando as coisas não vão lá muito bem; se puder ver o lado feliz e otimista de cada dia; se puder orientar sem apoquentar; encorajar sem fazer da vitória um fim em si mesma; se puder edificar sem precisar antes demolir; se souber encarar cada problema sem queixa.

Há outras trivialidades que contribuem para essa extraordinária estatura. O lar deve pertencer tanto aos filhos quanto aos pais. As portas devem estar abertas aos seus amigos, e as mães poderiam dizer: "Claro, tragam os seus amigos após o baile. Haverá chocolate e pães com manteiga para vocês." É fácil para a mãe poder dizer aos filhos: "Tragam para cá os seus amigos após a Igreja. Vamos tomar sorvete."

O trabalho da mãe em ganhar o respeito e o amor dos seus filhos é constante. Se êstes hábitos positivos forem formados, cada dia e cada criança cantarão de alegria. Embora esteja ocupada em limpar, cozer, etc., a atividade maternal, é bastante recompensadora. Os filhos devem sentir fôrça em suas mães, não para usá-la como um muro de escora, mas como barbatana para as suas espinhas.

Dentre os ingredientes que as mães de estatura devem possuir, o amor encabeça a lista. Êste amor deve ser suave e envolvente, mas ao mesmo tempo firme e resoluto. O amor maternal deve conter o poder de reprová-lo e o candor da lealdade. Seu amor deve curar a solidão e encorajar a varonilidade. Deve poder ajudar a fazer de sua filha uma senhora e de seu filho um cavalheiro. O amor maternal é inclusivo. Nosso irmão maior, Jesus Cristo, teve apenas três anos para instruir 12 homens para transmitirem os seus preceitos. A mãe geralmente tem cerca de 19 anos para instruir cada filho. A mãe ouve com amor e fala com amor. A mãe que fizer estas coisas sem dúvida ganhará uma extraordinária estatura aos olhos dos filhos e do mundo.





UM CRISTÃO NÚMERO UM

George Durrant

A Segunda Guerra Mundial, combinada com outros eventos mundiais, de maneira indireta abriu a porta para a penetração do cristianismo na Coreia do Sul. Durante o período que se seguiu à Guerra da Coreia, lá estive incorporado às Forças das Nações Unidas.

Logo após ter chegado ali, observei que algumas pessoas estavam excitadas com respeito a Cristo e aos seus ensinamentos, mas estavam ao mesmo tempo confusas devido a que aquilo que de bom haviam lido e ouvido sobre o cristianismo era bastante diferente da duvidosa conduta observada em soldados supostamente cristãos.

Civis coreanos vinham diariamente ao nosso acampamento para realizarem tarefas humildes que nós mesmos não desejávamos fazer, tais como trabalhar na cozinha. Eram pagos pelas tarefas para nós indesejáveis, de modo que tal arranjo nos fazia a ambos felizes. Ao andarem pelo acampamento, usavam as trilhas sujas que cortavam o mato rasteiro. Quando soldados e coreanos encontravam-se nas trilhas, os coreanos pulavam de lado enquanto os soldados passavam.

Observando tal situação, ocorreu-me que esta não era a maneira que as coisas deviam ser. Esta era a sua terra, e se alguém tivesse que ceder caminho, haveria de ser nós. Portanto, empenhei-me em ceder o caminho aos coreanos nas trilhas. Pareciam surpresos, e ao mesmo tempo satisfeitos. Logo aprendi os nomes de muitos deles, e ao passarem eu os cumprimentava pelo nome.

Com o passar dos meses, aprendi algumas das maneiras que os soldados haviam criado para comunicarem-se com os coreanos. Um sistema um tanto estranho consistia de um modo de descrever a bondade ou a maldade de algo chamando-se o que era muito bom por "número um" e o que era muito mau por "número dez". Por exemplo, se estivéssemos falando a um coreano sobre o nosso bom jipe, diríamos: "Este é um jipe 'número um'". Mas se se tratasse de uma droga, diríamos: "Este é um jipe 'número dez'".

A regra do acampamento no refeitório era a seguinte: de cabo para cima, a pessoa iria para a mesa onde um coreano lhe traria a comida; de cabo para baixo tinham que entrar na fila do rancho.

Um dia entrei no refeitório e notei que a fila estava muito comprida. Sentei-me à mesa com cinco companheiros que já estavam comendo, enquanto esperava que a fila diminuísse. Enquanto conversávamos, alguém tocou-me. Deparei com um coreano que estava a ponto de colocar a bandeja diante de mim, pelo que apontei minha divisa dizendo: "Sou apenas soldado de primeira classe, você não pode me servir."

Fitou-me com olhos úmidos e disse calmamente: "Eu selvil você. Você clistiano 'número um'".

Eu sabia porque o coreano assim me julgara: fora pelas pequenas coisas que eu fizera. São as pequeninas coisas que fazem um cristão "número um", pequeninas coisas que, quando somadas, fazem uma coisa enorme chamada "vida".

ESCOLA DOMINICAL



ATRAVÉS DOS ANOS

Reed H. Bradford

E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens. (Lc 2:52)

E a princípio não recebeu a plenitude, mas continuou de graça em graça, até receber a plenitude. (D&C 93:13)

Parece ser característico de muitos de nós esperarmos que os outros ajam amadurecidamente. Quando não preenchem as nossas expectativas, freqüentemente nos irritamos, irritação esta, que não raramente, manifesta-se em forma de ira incontrolada. Alguns pais, por exemplo, infligem dores físicas e psicológicas aos seus filhos. Alguns pais em muitos casos não estão pensando primeiramente no bem estar da criança; estão tentando livrar-se da impaciência e da frustração que sentem nessa sua ligação com um indivíduo imaturo.

Se os pais refletissem conscienciosamente sobre esta situação, reconheceriam que leva tempo para amadurecer. Uma pessoa não estará fisicamente amadurecida senão entre os 20 e os 25 anos de idade. Não podemos dizer a uma criança de cinco anos: "Hei, quero que você esteja fisicamente maduro", e logo transformá-lo num adulto. Ocorre exatamente o mesmo com outros tipos de maturidade: intelectual, emocional, social e espiritual. O indivíduo deve passar por um processo de desenvolvimento em cada um desses casos. Consideremos alguns casos de notável desenvolvimento:

1. O Patinho Feio

Hans Christian Andersen escreveu sobre uma pata que chocava sossegadamente os seus ovos. Dias mais tarde, todos os ovos se abriram, exceto um, que levou mais tempo para abrir-se, e afinal, quando se abriu, dêle saiu um patinho desajeitado "grandalhão e feioso."

"Mas que pato feio! Não queremos nada com êle' — e um pato logo voou sobre êle, bicando-o no pescoço... pobre patinho..." Era bicado, empurrado e aborrecido pelos patos e pelas galinhas.

"Assim foi no primeiro dia, e com o passar do tempo as coisas pioraram. O pobre patinho era atormentado por todos, até mesmo seus próprios irmãos e irmãs o maltratavam, dizendo: "Tomara que o gato te pegue, sujeitinho ridículo!" Até a sua mãe desejava que êle sumisse. E a empregada que alimentava as aves até mesmo o chutava."

Um dia êle fugiu, voando sobre a cerca. Os pássaros assustaram-se nas moitas e fugiram. "É devido a eu ser tão feio" pensou o patinho e fechou os seus olhos enquanto fugia. Mais tarde chegou à uma grande lagoa onde viviam os patos selvagens e ficou por ali, esgotado e abatido."

Mas mesmo os patos selvagens não o aceitaram inteiramente. Um cachorro fugiu dêle. Uma galinha assustada disse-lhe que êle era um arrematado cretino.

Finalmente decidiu-se tentar a sorte pelo mundo afora. Passou por muitas experiências e provações. Veio o inverno erregelante e finalmente, chegou a primavera.

Um dia teve o impulso de experimentar a plena capacidade das suas asas, e num piscar de olhos achou-se num enorme jardim... maravilhoso no frescor da primavera. E de trás de uns arbustos saíram três belos cisnes... O patinho reconheceu as esplêndidas criaturas

e foi tomado de um estranho sentimento de melancolia. "Voarei em direção a êstes majestosos pássaros." E pensou que talvez êles o matassem, dizendo a si mesmo: "Melhor ser morto por êles do que ser bicado pelos patos e galinhas, ser chutado pela empregada e sofrer os azares do inverno." Voou ao encontro dêles e os viu virem ao seu encontro e tremendo de medo, inclinou sua cabeça para a água.

"Mas o que viu êle refletido na clara água do riacho. O seu próprio reflexo, mas não mais o de um pássaro cinzento e desajeitado, feio, pouco atraente — nada disso, êle próprio era um cisne!... Sentia-se satisfeito de ter passado tais asperezas e dificuldades; isto ajudou-o a apreciar tôda a felicidade e a beleza que lhe haveriam de dar boas vindas. E os três grandes cisnes nadaram ao seu redor acariciando-o com os seus bicos."

2. A Maturidade Espiritual de Alma

"E eis que os filhos de Mosíah encontravam-se entre os incrédulos, assim como um dos filhos de Alma, chamado Alma como seu pai; não obstante, tornou-se um homem malvado e idôlatra. Era um homem bem falante e dizia muitas palavras lisonjeiras ao povo, através do que fêz com que muitos imitassem suas iniqüidades.

"E tornou-se um grande embaraço para a prosperidade da Igreja de Deus, roubando os corações do povo, causando muitas dissensões entre êles e dando oportunidade ao inimigo de Deus de exercer seu poder sôbre o povo." (Mosíah 27:8,9)

Mas ocorreu uma mudança na vida de Alma. Um anjo apareceu-lhe e disse: "Se queres, destrói-te a ti mesmo. Não procures, porém, destruir a Igreja de Deus." (Alma 36:9)

Como resultado desta experiência, êle obteve um nôvo discernimento. Escreveu:

"...fui torturado com eterno tormento, estando minha alma extremamente perturbada e atormentada por meus pecados.

"Sim, lembrei-me de todos os meus pecados e iniqüidades, pelos quais me via atormentado com as penas do inferno; sim, vi que me havia rebelado contra Deus e que não havia guardado seus santos mandamentos... E eu meditava, pensando em como seria bom se eu fôsse desterrado e minha alma e meu corpo se extinguíssem, para que eu não fôsse levado à presença de Deus a fim de ser julgado pelas minhas obras." (Alma 36:12, 13, 15)

Mas Alma assumiu um compromisso pessoal com o Senhor e mudou o seu comportamento.

"E oh, que alegria e que luz maravilhosa vi então! Sim, minha alma se encheu de tanta alegria quanta havia sido a minha dor... E desde aquela ocasião até agora trabalhei sem cessar para conseguir que mais almas se arrependessem; para fazer com que experimentassem a intensa alegria que eu provei; para que tam-

bém possam nascer de Deus e encher-se do Espírito Santo... E eis que... o Senhor me concede uma imensa alegria com o produto do meu trabalho." (Alma 36:20, 24, 25)

3. A Transformação de Bill Sands

"Filho de pai bêbedo de grande projeção política e de mãe sádica, bem cotada nas rodas da sociedade, a infância de Bill Sands foi desesperadamente infeliz. Atirado à rebeldia dos seus anos juvenís, ingressou no crime e foi parar em San Quentin. Lá veio a conhecer dois homens que transformaram a sua vida: Clinton T. Duffy, famoso campeão das reformas penais... e o seu companheiro de cela: Caryl Chessmann.

"Hoje Sands é um destacado cruzado na luta pela prevenção do crime e pela reabilitação de possíveis ou ex-sentenciados. A sua história é uma das mais inspiradoras nos anais da literatura pessoal." *

A GRANDE IMAGEM

Devemos manter em mente a "grande imagem" nas nossas relações com o próximo. Devemos estar aptos para vê-los segundo o potencial divino das suas almas. Com esta "grande imagem" em mente, nossas relações com os outros podem ser significativas e úteis. As idéias seguintes podem nos assistir no estabelecimento de tais relações:

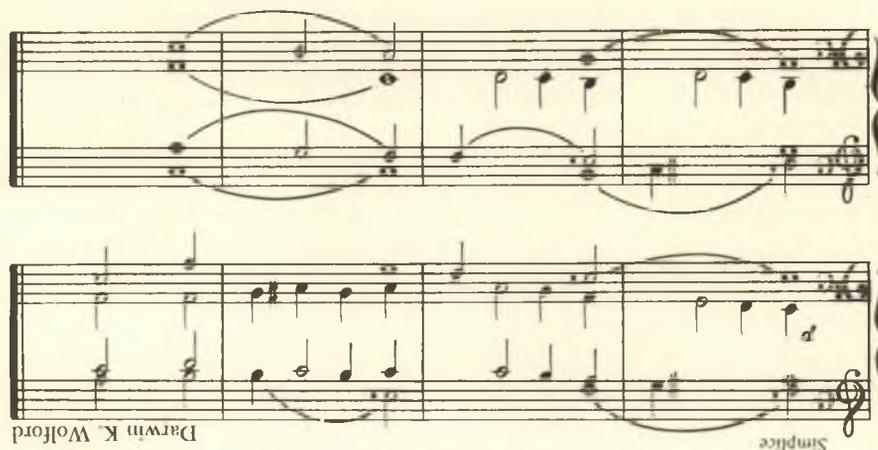
1. A Prática da Empatia: Isto significa tentar ver a situação do ponto de vista ou das circunstâncias das outras pessoas. Nosso filho menor chama-se Randy, tem sete anos. Frequentemente digo a mim mesmo: "Reed, como lhe parecia o mundo quando você tinha sete anos?" Isto ajuda a obter maior compreensão de Randy.

2. Evite a linha sensível: Quando cruzamos a linha sensível em uma dada relação, ou em outras palavras, ferimos indevidamente os sentimentos de outra pessoa, é-nos mais difícil abordar esta pessoa e ajudá-la. Por outro lado, se constantemente tentarmos fortalecer as nossas relações com os demais expressando nosso interesse por êles delicadamente, criamos um clima mais favorável, permitindo um significativo desenvolvimento tanto para o que dá como para o que recebe.

3. Tenha paciência: Isto não significa ficar à espera de que o desenvolvimento ocorra. Pelo contrário, necessitamos de uma paciência criativa mediante a qual possamos buscar ajudar os outros a internalizarem o significado dos princípios divinos: a importância do Senhor na sua vida; o poder de "nascer de nôvo"; e a alegria resultante do desenvolvimento intelectual, emocional, social e espiritual.

* Do prefácio apôsto pelo jornal San Francisco Chronicle ao livro de Bill Sands *My Shadow Ran Fast*; Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, N. J., 1966. Citado com permissão.

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais



Jóias Sacramentais

ESCOLA DOMINICAL SÊNIOR

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida;
ninguém vem ao Pai senão por mim.” João 14:6

ESCOLA DOMINICAL JÚNIOR

“Criou Deus, pois, o homem à sua ima-
gem.” Gen. 1:27.



Juventude da Promessa

AS MÃES

Meninos e mães vão tão bem quanto mel no leite — pelo menos a maior parte do tempo. De vez em quando vão como óleo na água, isto é, quando mamãe implica com roupas, orelhas, meias e pensamentos sujos. Não obstante as mães são muito “bacanas” — principalmente na hora das refeições. Todo mundo sabe que ninguém cozinha como mamãe, mas seria melhor se ela prestasse mais atenção em papai e deixasse p’ra lá as sobras do prato e quantas porções de sobremesa um menino pode comer.

Claro, as mães estão sempre prontas a se preocuparem com bobagenzinhas da vida, coisas como tarefa escolar, aulas de piano e “chega de ver televisão por hoje;” mas esquecem sempre o mais importante: a pelada lá no campinho, natação lá no fundo rio, caçar preá etc.

tem
seu
lugar

Florence Bittner

Ninguém nos Compreende Melhor que a Mãe

Mães e filhos vão muito bem juntos a reuniões especiais na escola e reuniões de escotismo, mas não dão muito certo depois do horário de escola.

O problema parece ficar meio confuso com palavras, e as mães têm muito mais palavras que os meninos, ademais, costumam pôr fim a qualquer discussão ou ficando danada da vida ou ameaçando "apelar p'ra ignorância." E a coisa fica preta quando as mães não compreendem o trabalho que dá ir todo dia à escola. Parecem imaginar que os meninos brincam o dia todo, e quando êstes chegam em casa, no fim do dia, toca trabalhar. E já é dureza bastante ser menino sem ter que estar discutindo com a mãe.

Lógicamente, as mães têm o seu lugar, e na opinião dos meninos deveria ser na cozinha assando bôlos com cobertura de chocolate. O certo seria se as mães fôssem assar bôlos enquanto os meninos estivessem na escola, assim os bôlos ainda estariam quentinhos e a cozinha teria aquêlo cheirinho gostoso quando êles voltassem. E nessa hora ela bem que poderia ir visitar alguma amiga p'ra não ficar em casa contando quantos pedaços de bôlo um menino esfaimado e trabalhador pode papar em duas ou três visitas à cozinha enquanto ela estiver fora.

É muito legal ter uma mãe por perto para manter limpa a roupa da gente, mas seria melhor ainda se ela não fizesse aquêlo barulho todo por causa de coisas atôa como joêlhos manchados de grama, buracos nas meias e botões arrancados das roupas. O enguiço está em que as mães nunca foram meninos. Por alguma estranha razão, as meninas não têm o problema de vir para casa com joelhos e dedões furando o tecido, nem com botões faltando — pelo menos não muito freqüentemente. Assim, o menino não pode passar sem ouvir um bom "não posso entender o que você faz com suas roupas."

A gente fica esperando que papai fôsse de vez em quando explicar a mamãe como um bom escorregão atrás de uma bola pode de alguma forma fazer desaparecer o joelho da calça de um menino. Os meninos não fazem isso de propósito; as calças é que são uma droga. Seria ótimo se alguém inventasse algo do que se fazer umas boas calças que aguentassem uma meia dúzia de escorregões lá no campinho. A gente pensa que papai explicaria essas coisas a mamãe de vez em quando, mas em vez disso êle chega p'ra gente sempre com aquêlo "não responda para a sua mãe."

As mães também dão trabalho na hora do jantar, isto é, bem na hora em que a gente fica com tanta fome que o estômago chega roncar. Aí aparece a mamãe para impedir os meninos de lambiscarem antes do jantar quando ela ainda nem mexeu nas panelas. Ora, todo

o mundo sabe que um menino pode comer um boi e ficar com fome outra vez mais depressa do que leva para fazer um jantar.

Mas na maioria das vêzes as mães são cem por cento. Têm um perfume gostoso, que a gente gosta de abraçá-las para o sentir quando ninguém está olhando. E quando se está doente é ótimo que mamãe venha ao quarto trazer algo para se beber ou ajeitar os cobertores.

Ah, mas assim que o menino melhora, lá vem ela outra vez mandando abotoar casacos, sair do molhado etc.

Não obstante, há algo especial com respeito às mães. Estão sempre prontas a atender quando a gente tem problemas, e ninguém nos compreende melhor que a mãe. Ela sempre compreende o nosso ponto de vista e se pode contar com ela para que esteja do nosso lado, mesmo quando há alguma dificuldadezinha apontando que em parte é nossa a culpa. Algumas vêzes só de falar sôbre o assunto já ajuda, mesmo quando o menino não lhe diz que se sente melhor, mas continua se queixando de quão difícil é.

Mas há, algumas vêzes, o problema de as mães falarem dos problemas da gente exatamente quando não deviam, por exemplo, ir falar com a professora para endireitar a situação. Quando mãe e professora se reúnem, os meninos sabem muito bem o tipo de conversa que resulta. "Êles" são o assunto. Mesmo que êle faça um bruto barulho para convencê-la a ficar em casa e deixar tudo por sua conta, por dentro fica satisfeito em ver que ela se preocupa o bastante.

Algumas vêzes é divertido conversar com as mães, mesmo quando não se tem nenhum problema — especialmente quando ela começa a contar como foi a primeira vez em que ela e papai se encontraram, e sôbre quando éramos pequeninos, e coisas do estilo. Então, algumas vêzes, papai começa a falar sôbre a guerra; é quando a gente ficaria sentado a noite tôda ouvindo. Mas bem nessa hora a mamãe cisma de olhar no relógio e dizer que não sabia que já era tão tarde e que amanhã precisamos levantar cedo para ir à escola.

É muito gostoso voltar para casa depois de ter estado fora por algum tempo, abrir a porta, chamar por mamãe e ouvi-la responder: "Estou aqui, filho." Ela estando em casa, a gente pode ir cuidar da vida sossegado sabendo que tudo irá bem.

Mães e filhos dão certo como melado no leite. Ambos sentem-se melhor quando o outro está por perto. Os meninos sabem que as mães são como a respiração — necessárias, mas mais agradáveis quando não se nos atravessam na garganta, fazendo-nos engasgar.



Nossos Filhos: As Mais Belas Flôres do Jardim de Deus

Pres. Joseph Fielding Smith
da Primeira Presidência

Há certas verdades antigas que permanecerão sendo verdades enquanto durar o mundo, as quais nenhum progresso pode mudar. Uma destas é que a família (a organização consistente de pai, mãe e filhos) é o alicerce de tôdas as coisas na Igreja; outra: que os pecados contra a família pura e sadia serão os que, dentre outros, serão mais severamente castigados no fim, nas nações em que ocorrem. Assim, precisamos trabalhar por todos os que nos rodeiam, mas especialmente por aqueles mais íntimos e próximos, como a melhor preparação possível para o desempenho do nosso dever na Igreja. Mas cada uma das mães podem esforçar-se — com as fôrças e luzes que receberem — para atingirem o lar ideal onde deva existir um companheirismo perfeito entre pais e filhos, edificado sôbre o sentimento do interêsse, do conhecimento, do gôsto e da simpatia mútuos.

Muito mais importante que a questão do emprêgo ou da riqueza das pessoas é a questão de como a vida familiar é conduzida. Tôdas as demais coisas são de reduzidas conseqüências, havendo verdadeiros lares e pessoas nêles que cumpram seus deveres um para com os outros. Estou certo de que ninguém discorda quanto a importância do lar. Theodore Roosevelt comparava um lar sem filhos a "uma terra sem árvores — árida e estéril." Embora alguns filhos se extraviem apesar da melhor instrução, e alguns vão bem a despeito de viverem em desafortunado ambiente, não obstante, muitíssimo depende da educação recebida na família, e é dela que procede o companheirismo do qual estamos falando.

O QUE SIGNIFICA PARA NÓS?

Tívéssemos que colocar aqui a questão de "O que significam nossos filhos para nós?", não teríamos dúvidas sôbre qual haveria de ser a resposta: **Nossos filhos** — "As mais queridas flôres do jardim de Deus," tal como o expressou um antigo escritor. A atitude de nosso Pai Celestial com respeito a êsse grande privilégio

da paternidade está ilustrado na história de Abraão, sôbre cuja cabeça foi pronunciada a bênção de tôda riqueza mundana e honra, mas o triunfo dos triunfos, a bênção capital, foi a promessa de uma posteridade tão numerosa como as areias da praia.

Da inspiração do Evangelho tiramos motivos que nos impelem em nossos propósitos na vida, e obtemos um senso de valores adequado ao vivermos os seus ensinamentos. Isto nos tem ensinado o real significado da questão: "Que aproveita ao homem, ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Marcos 8:36) Que aproveita a nós, embora obtenhamos o mundo todo, se perdermos as almas dos nossos filhos? Assim, as mães podem ver que êste privilégio da maternidade, esta bênção de ter filhos, traz consigo a mais grave das responsabilidades da vida. Nosso dever é duro, grandes as nossas tarefas, maior é ainda a nossa recompensa.

Foi confiado à guarda da mulher o destino das futuras gerações. Certamente, a que pode educar os seus filhos é três vêzes afortunada entre as mães, e se bem sucedida, o terá realizado mediante o companheirismo com seus filhos. Não pode ser feito por nenhum outro meio.

O QUE DO MUNDO?

Desde que o mundo é mundo tem havido apenas duas classes de pessoas, uma que declara serem êstes os piores tempos que o mundo já viu, e outra que clama que os nossos tempos são os melhores. Creio que o nosso povo enquadra-se na última classe, com algumas reservas. Certamente apreciamos nossas bênçãos, mas não somos tão cegos a ponto de não reconhecermos a existência de grandes e reais perigos, dentre os quais, os que mais nos preocupam dizem respeito aos nossos filhos. A única proteção adequada ou defesa real só pode ser proporcionada pelo lar e suas influências. Mas não se pode negar o fato de que alguns dos nossos

jovens, especialmente as mães, têm descambado para a criminalidade numa proporção grande o suficiente para ser alarmante. Há pelo menos um remédio seguro: educação das mães em casa hoje, como era no passado. As mães deveriam ser instruídas em algumas tarefas domésticas úteis, ou, pelo menos, receberem por meio dos bons exemplos, um bom padrão moral. Muitas mães hoje em dia não têm o mínimo senso moral.

Nesta era de conservadorismo versus "jazz" frequentemente não existe compreensão nem simpatia entre pais e filhos. As mães dão muito pouco, as filhas tomam demais. Começam a implicar umas com as outras em vez de procurarem evitá-lo silenciosamente em busca de uma compreensão mútua. Se os pais não têm paciência, indulgência, para compreenderem esta geração do "iê-iê-iê", ela logo reventará amarras para ir aonde são bem entendidos, e aqui jaz a tragédia da situação. É somente quando os pais e os filhos vivem em companheirismo, edificado sobre a compreensão, é que podem viver unos de coração e sentimentos.

O fato de que os jovens são ingratos é um lamento muito comum entre nós, hoje em dia.

Bem, de que eles o são mesmo não há dúvida. Algumas crianças são naturalmente gratas e apreciativas, outras são justamente o contrário. Mas o desenvolvimento dêsse traço de ingratidão indica uma lamentável falta de educação quanto ao aprêço, seja dos dons materiais, dos serviços prestados ou das coisas dignas do mundo. Certamente, esta falta, mais que outras desta categoria, deve ser atribuída à negligência dos pais.

RESPEITO PELAS LEIS DE DEUS

Talvez, a principal falta de nossos filhos hoje em dia é a falta de reverência, o desprezo por qualquer autoridade, temporal ou espiritual. Mas, estará o pecado confinado apenas aos jovens? Não é esta uma época irreverente? Aqui novamente devemos voltar ao lar como o único remédio seguro e fazer com que seja um santuário onde as leis de Deus sejam respeitadas e observadas.

Tenho salientado que o lar é a maior e menos falível das fontes de boas coisas no mundo, mas é também a oficina onde o caráter humano é construído e a maneira pela qual é formado depende da relação existente entre os pais e os filhos. O lar não pode ser o que deveria ser a menos que estas relações tenham certas características. . . E para o serem, depende tanto dos pais como dos filhos, mas muito mais dos pais. Devem fazer o melhor que puderem. A maior parte da educação eficiente é dada quando a criança ainda não tem idade suficiente para poder apreciar o que está sendo feito. Ensinem os pequenos a fazerem o que é correto. O grande Mestre disse: "Nem só de pão vive o homem," nem as crianças podem viver apenas de cuidados materiais. São necessários, mas são apenas uma parte; e no que diz respeito à mãe, é a parte mais fácil do trabalho. Em primeiro lugar os pais devem tentar ser, ou pelo menos se esforçarem por ser, tudo aquilo que desejam que os seus filhos sejam. É impossível ser-se exemplo daquilo que não se é. A única maneira de ensinar-se às crianças a beleza e a utilidade do prestar serviços é ensinando-as como e então permitindo-lhes que o façam.

"Ora, vá embora e deixe-me só, não tenho tempo para amolações agora," disse uma apressada e impaciente mãe à sua filhinha de três anos que tentava ajudá-la a realizar uma certa tarefa caseira. Durante o nosso comparecimento a uma conferência de estaca em Nova Iorque, minha esposa pediu aos presentes que dissessem aos seus pais que os amavam, e pediu aos pais que não desprezassem os seus filhos quando estes os procurassem. Nesse momento, um menininho chegou-se a sua mãe e disse: "Mãe, eu a amo; não me mande embora, como aquela boa irmã disse para não fazer." De quem é a culpa? O desejo de ajudar nasce com cada criança normal e os pais não têm o direito de queixar-se. A labuta doméstica de que tantos se queixam deixa de existir quando todos ajudam nas tarefas, e da associação para o desempenho dêsses deveres decorre o mais doce companheirismo que pode ser experimentado.

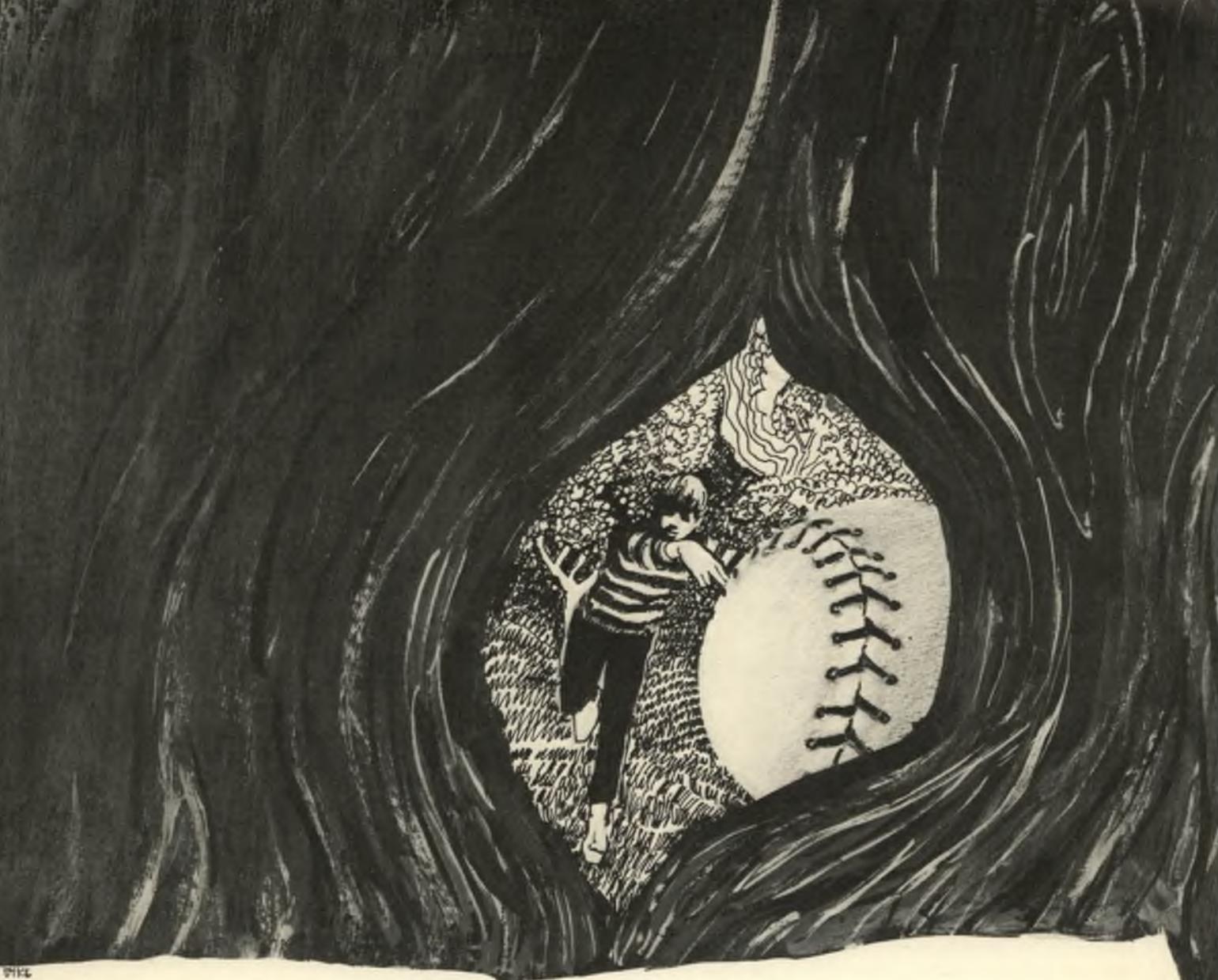
O DESENVOLVIMENTO DE UMA COMPREENSÃO SIMPÁTICA

Se eu tivesse que sugerir algo que falta em nós, pais, eu sugeriria a falta de compreensão simpática para com nossos filhos. Viver com as crianças, seguir seus caminhos, tentar ler com eles "livros na correnteza dos riachos/Sermões nas pedras e o bem em toda parte." Ensiná-las que a flor da juventude jamais parece tão bela como quando se curva ao sol da retidão. Saber tudo o que atrai o interesse das crianças, ser boa companhia para elas, lembrar sempre as belas palavras de Wordsworth: "Uma criança, mais que todos os outros dons que a terra pode oferecer ao homem em declínio, traz consigo esperança e projetos."

Ao recordar a história do nosso povo, vejo um passado pleno de glória; antecipando o porvir, vejo um futuro pleno de promessa. Tenho fé em que não nos provaremos indignos da memória dos homens e mulheres do potente passado. Eles fizeram o seu trabalho e nos deixaram a esplêndida herança que ora fruimos. O nosso mais elevado objetivo é o de educar os nossos filhos, mediante amável camaradagem, a apreciarem a sua herança. Por nossa vez, poderemos assim estar seguros de que legaremos esta herança intacta aos filhos dos nossos filhos. Estou seguro de que se ensinarmos tais coisas às irmãs da Sociedade de Socorro, veremos os frutos do companheirismo entre pais e filhos, e quão grande alegria teremos em ensinar estas coisas que o Senhor considera tão importante, pois declarou que nós, pais, seremos responsabilizados se falharmos em ensinar as verdades do Evangelho aos nossos filhos. O Pres. McKay disse:

"Não conheço melhor maneira de se trazer harmonia ao lar, à vizinhança, às organizações, paz ao nosso país e ao mundo, do que primeiro eliminando-se de nosso coração os inimigos da harmonia e da paz tais como o ódio, o egoísmo, a cobiça, a animosidade e a inveja."

Que o Senhor as abençoe, irmãs, ao retornarem às suas unidades, e que o Espírito possa acompanhá-las para guiar, proteger e guardá-las no trabalho do Mestre. Deixo com todas a minha bênção e estou certo de que o Presidente McKay gostaria que eu lhes expressasse seu amor por vocês. Estas bênçãos eu peço em nome de Jesus Cristo. Amém.



O Braço Forte da Coragem

Jay M. Todd

A história do Bispo George Edward Busby, da Ala Palmdale (Califórnia), que recebeu o cobiçado Prêmio Homer Warner do Comitê Atlético da AMM para toda a Igreja, é uma das mais espantosas e inspiradoras histórias de realização humana. Poucos que conhecem os particulares da vida de George Busby irão discordar.

Apenas no que diz respeito ao valor atlético, não são muitos os homens que podem jactar-se de ter jogado em equipes que têm obtido no mínimo o quarto lugar em competições de "softball" na Igreja por nove vezes: quarto lugar três vezes, terceiro lugar três vezes, uma vez segundo e duas vezes primeiro lugar; e em equipes que obtiveram o troféu de esportividade da Igreja três vezes. Em adição, o Bispo Busby tem ganho reconhecimento na seleção da Igreja ("softball") quatro vezes, foi nomeado jogador valioso uma vez e foi membro da seleção de bola ao cesto da Igreja uma vez — tudo isto com um braço, uma perna e um ombro significativamente aleijados devido a poliomielite na infância.

As pessoas que visitam Busby em sua casa e contam os 67 troféus obtidos em campeonatos de "softball" competições entre seleções, e vêem dúzias de troféus e fitas ganhas em rodeios, "baseball", futebol, bola ao cêsto e meia dúzia de outros esportes, reconhecem imediatamente tratar-se de um campeão.

Mas poucos conhecem a coragem indomável e a incansável firmeza de caráter que produziram esta colheita de honras. Não foi fácil, e ninguém que cresceu junto com George Busby em Saint David, Arizona, poderia ter previsto os resultados.

Cêrca de nove menses após o seu nascimento em 10 de outubro de 1926, numa tenda em St. David, o jovem George foi atacado pela poliomielite, ou paralisia infantil, como então era conhecida. Todo o seu lado esquerdo ficou paralisado, e os médicos temeram que logo o seu coração sucumbiria... Foram-lhe dadas apenas umas poucas horas de vida. Sob a administração do Sacerdócio, seu pai e seu avô o abençoaram, e miraculosamente a pólio deixou quase todo o seu corpo, deixando apenas o seu braço esquerdo, ombro e perna afetados. Por volta dos três anos de idade, sua perna já se fortalecera o suficiente para que pudesse andar com ela.

Ao passarem os primeiros anos da infância, sua perna começou a adquirir proporções mais normais, mas o seu ombro e o seu braço não responderam ao tratamento, e o uso de ambos era limitado. Desde então, aprendeu a fazer as coisas com um só braço, e seus pais trabalharam incansavelmente para proibi-lo de dizer: "Não posso fazê-lo."

Mas as provações do jovem George estavam apenas começando. Aos seis anos êle caiu e quebrou seu braço aleijado acima do cotovelo. Isto começou uma sequência de sete fraturas e quatro operações durante os seguintes seis anos, período em que o seu braço jamais foi deixado fora do gesso tempo suficiente para que êle pudesse usá-lo. Durante êste período foi atropelado por um carro, ficando o seu torso tão danificado que os médicos o desenganaram. Novamente o seu pai e o seu avô ministraram-lhe, e o poder Sacerdócio abençoou seu corpo massacrado. Com o passar do tempo, as operações e o tratamento pareceram restaurar-lhe a vida e o crescimento nos músculos do seu braço e ombro.

Como todos os jovens, George ansiava por brincar com os outros, mas sempre ficava por último na escolha. Assim, êle determinou que haveria de ser a primeira pessoa que os seus colegas iriam escolher. Durante a noite praticava arremêso de bola em um nó do mourão de uma cêrca, que a sua irmã devolvia. Quando ela se cansava, êle levava uma bola de basquete para o campo da escola e praticava bastante. Durante os seus anos jovens, desenvolveu uma surpreendente agilidade com os pés e aprendeu a dominar o seu equilíbrio, de forma que podia virar-se e cair sôbre o seu lado perfeito sem machucar o braço esquerdo.

Por essa época a têmpera do jovem George começou a mostrar-se. Aos dez anos de idade ganhou uma bicicleta após rebater por trinta e um minutos uma bola presa num barbante, durante um concurso. Aos doze

ganhou o campeonato de bola de gude da cidade como resultado de ter os dedos fortemente desenvolvidos.

Por volta dos treze anos, seu braço era muito forte para arremêssos de bola nos times infantís de "softball", pelo que passou a jogar nos times adultos. Após algumas horas de prática, desenvolveu alguma habilidade em usar a luva de "softball" na sua mão esquerda. Mas outros esportes também o interessavam. Para desenvolver a sua perna esquerda passou a correr tôdas as tardes. Na época em que cursava o ginásio venceu a corrida de oitocentos metros da competição colegial do Estado do Arizona... Aos 17, sua equipe de basquete da ala venceu o campeonato regional, e participou em seguida do campeonato da Igreja, conseguindo a sexta colocação... Aos 18, fêz 64 pontos em dois jogos e ganhou destaque no basquetebol em tôda a Igreja. Nesse mesmo ano foi escolhido o mais valoroso jogador do Torneio Aberto de "Softball" do Arizona Meridional, vencido pelo seu time.

Assim começou uma surpreendente carreira que o viu "escolhido primeiro" pelos colegas e nas competições entre seleções jôgo após jôgo, temporada após temporada. Seus prêmios são muito numerosos para serem relacionados, mas é interessante dar uma espiada em cada década para observar o calibre de um campeão: 1944, seleção de basquete da Igreja; 1954, seleção de "softball" da Igreja; 1964, idem. No interregno há uma fieira de campeonatos e prêmios pessoais que faria inveja a qualquer atleta profissional.

Mas os anos de 1953, 1956 e 1966 têm um significado especial para George Busby: êstes foram os anos em que as suas equipes ganharam prêmios de esportividade da Igreja, a única equipe a ganhá-lo três vêzes; e num dos anos — 1953 — seu time venceu também o campeonato, a única vez em que num campeonato de "softball" da Igreja o mesmo time ganhou o campeonato e o troféu de esportividade.

Esportividade, e tudo o mais que a acompanha — lealdade, honestidade, generosidade, preocupação pelos outros, integridade, e espírito de cordialidade — têm sido desde muito as marcas tradicionais do Bispo Busby. E esta abundante colheita de traços de caráter foi conseguida a partir de uma constante e devota atenção às responsabilidades e oportunidades da Igreja, tal como as suas habilidades atléticas foram obtidas a partir de uma dedicação constante. Seu serviço na Igreja tem sido rico, pleno de oportunidades para desenvolvimento: Assistente do Sacerdócio Aarônico ou professor dos jovens, chefe de escoteiros, diretor de esportes da ala, presidente do quorum do Sacerdócio de Melquisedeque, missionário de estaca, membro do comitê genealógico, conselheiro do bispado, assistente da superintendência da AMM da estaca, sumo-conselheiro, secretário financeiro da ala e agora bispo.

Verdadeiramente, o ideal atlético e o religioso encontraram nobre expressão em George Edward Busby. É um digno portador do Prêmio Homer Warner, instituído em memória do fundador do programa de basquetebol da Igreja, o maior do mundo, e dado a uma pessoa que exemplifica extraordinárias realizações atléticas e incorpora o espírito da verdadeira esportividade e espiritualidade.



AMM das MOÇAS

um século de irmandade

E stava escuro e frio às 19:00 horas daquela noite de novembro de 1869 quando as moças ouviram seu pai soar a sineta as costumeiras oito vezes, indicando a hora da oração familiar. Interromperam os seus afazeres e apressaram-se em direção à sala de visitas da frente. Lá encontraram seu pai já sentado em sua cadeira de pelúcia vermelha, como de costume, esperando pela família. Observou a cena, suas amáveis filhas, tagarelando alegres e vivazes, seus filhos, todos os formatos de indivíduos entusiastas. Ajoelharam-se todos, e a voz de seu pai, o profeta de Deus, foi ou-

vida em humilde prece, agradecendo, reconhecendo bênçãos, solicitando orientação. Soou o unânime "amém" acompanhado do ruído de saias, anáguas, calças e casacos sendo endireitados ao levantarem-se para desejarem amável boa-noite ao seu preocupado pai.

Quase que abruptamente a rotina normal vespertina foi quebrada quando Brigham Young solenemente solicitou que as mulheres permanecessem na sala, e dispensou seus filhos e filhas menores.

"Por favor, sentem-se, queridas," iniciou êle. "Tenho algo a dizer-lhes. Todo o Israel observa a minha família e o exemplo dado pelas minhas espôsas e filhas. Por essa razão desejo organizar a minha própria família primeiro numa sociedade para a promoção dos hábitos de ordem, poupança, indústria e caridade; e, acima de tudo, desejo que evitem as extravagâncias no vestir, no comer e no falar. É chegado o tempo em que as irmãs devem concordar em abandonar as tolices da moda e cultivarem um vestuário modesto e maneiras humildes, estabelecendo assim diante do mundo um exemplo digno de imitação. As nossas filhas estão seguindo as vãs e tôlas maneiras do mundo. Desejo que estabeleçam a sua própria moda... Há muito que tenho em mente o propósito de organizar as jovens numa sociedade de modo a poderem assistir os membros mais velhos da Igreja, pais e mães, na propagação, ensino e prática dos princípios que há tanto tempo venho ensinando. É necessário que as jovens de Israel obtenham um testemunho vivo da verdade... Desejo que nossas môças obtenham conhecimento do Evangelho para si. Para êste propósito desejo estabelecer esta organização e quero que minha família lidere êste grande trabalho. Estamos para organizar uma Sociedade de Defesa, à qual quero que tôdas vocês se unam... Abstenham-se do que é mau e indigno, aperfeiçoem-se em tudo quanto é bom e belo."

Assim começou a organização que hoje conhecemos como Associação de Melhoramentos Mútuos das Môças da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — a qual comemorará 100 anos de existência

no próximo dia 28 de novembro de 1969. Cem anos de serviços prestados. Cem anos de fraternidade. Começou com uma família de irmãs e expandiu-se para envolver tôdas as môças da Igreja numa grande e única irmandade.

Aquelas irmãs naquela tarde, há cem anos, foram solicitadas a apartarem-se do mundo, a serem exemplos de refinamento, esclarecimento espiritual, pureza moral e realização cultural.

Seis anos mais tarde o Presidente Brigham Young organizou uma associação semelhante para os rapazes da Igreja. Desde então, milhares de rapazes e môças têm sido ensinados espiritualmente a participarem de atividades sadias, desenvolverem a mente e os talentos, descobrirem novas habilidades, expandirem suas amizades, reconhecerem seus testemunhos e tornarem-se líderes na Igreja e nas suas vocações.

Os primeiros cem anos provaram a necessidade e a versatilidade da AMM nas vidas de cada geração. O início de um segundo século encontra uma necessidade maior ainda da AMM, maior que em qualquer outra ocasião no século passado, quando a juventude enfrenta um mundo de perversão social, moral, cultural e espiritual.

INÍCIO DE UM NÓVO SÉCULO DE IRMANDADE

A comemoração do Centenário da AMM-Môças começará com a Conferência de Junho de 1969.

Várias atividades serão realizadas nessa ocasião, entre as quais contam-se o Baile Centenário, um festival de dança e outros eventos importantes. As estacas e missões em todo o mundo comemorarão o centenário com um baile a realizar-se em 28 de novembro de 1969.

Para os que desejarem uma recordação dos festejos, várias lembranças estarão disponíveis a partir da Conferência de Junho: uma belíssima placa comemorativa, uma brochura histórica do centenário, um lindo bracelete ou pendente de colar em ouro e prata e uma original toalha com figuras.





A cena título ilustra o tema: o homem, a mulher e a flor.

“O Homem, a Mulher e a Flor”

A Juventude da Igreja faz uma Abertura para o Sucesso

F. Máximo

Em vídeo-tape transmitido pelos canais 13 — TV Bandeirantes de São Paulo, e 5 — TV Rio da Guanabara, nos dias 25 de dezembro e 1.º de janeiro passados, apresentou-se ao público paulistano e carioca o grupo de teatro amador da AMM da Ala VI (Perdizes) da Estaca São Paulo, levando, sob a direção de Gláucia Yalon, a peça **O Homem, a Mulher e a Flôr**.

Com um elenco integrado por jovens cuja idade é de 17 anos em média, a peça de diversos autores, compilada e musicada por membros da AMM da Ala VI, foi a vencedora do Festival de Teatro da Estaca São Paulo, realizado em São Paulo nos dias 2 a 15 de novembro de

1968. Para o júri foram convidados membros da Comissão Estadual de Teatro, dando assim maior envergadura ao certame.

A arte cênica tem sido uma tradição na Igreja, cujo valor foi afirmado por Joseph Smith ainda nos dias de Nauvoo, quando encarregou Thomas A. Lyne, ator shakespeariano, de organizar e dirigir uma associação dramática. A afluência a Nauvoo de um grande número de conversos europeus, acostumados a freqüentarem os teatros, perpetuou e desenvolveu o interesse dos membros pelas atividades teatrais. Os pioneiros no Vale do Lago Salgado, ainda que enfrentando a dura tarefa de

"Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flexas vivas", texto de O Profeta, de Kahlil Gibran.



plantar uma civilização nas montanhas, já em 1.º de janeiro de 1853 lotavam o Social Hall de Salt Lake City para verem "Otelo", de Shakespeare. Desde então, o teatro entre os santos desenvolveu-se como uma das suas principais atividades culturais. Hoje, a AMM com seus programas de teatro para a juventude, tem sido um celeiro de talentos. Nas suas apresentações os jovens encontram a sua primeira oportunidade de expressão dramática, alguns para escreverem, outros para representarem e outros para lidarem com as questões técnicas dos bastidores.

Do grupo responsável pelo sucesso de "O Homem,

a Mulher e a Flôr," apenas Gláucia Yalon tinha rudimentos de teatro. Coursou os dois primeiros dos quatro anos do curso da Escola de Arte Dramática, interrompendo seus promissores estudos para servir em missão por um ano, não mais retornando à atividade dramática senão há pouco tempo. Sua volta ao palco foi marcada pelo sucesso de "Pluft, o Fantasminha", montada com elementos da Ala VI, que saiu vencedora do Festival de Teatro da Estaca São Paulo de 1967.

Quando o Festival do ano passado revestiu-se de maior envergadura, as várias alas esmeraram-se por apresentarem o que tinham de melhor, de modo que a

"Abraça pela última vez a mãe que te gerou", diz Andrômaca num dos pontos altos da peça, trecho aplaudido em cena aberta.



"Eles podem vir os tigres com suas garras..." De O Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry.



disputa seria renhida entre os vários bons grupos da Estaca. Antecipando-o, Gláucia procedeu a uma cuidadosa escolha de temas, optando pelo que melhor lhe permitisse utilizar os talentos disponíveis na sua ala.

Encontrou-o no poema "A Última Flôr" de James Thurber, o qual tornou-se o ponto de partida. Falava da décima segunda guerra mundial, após a qual restaram apenas um homem, uma mulher e uma flôr. Aos poucos foi-se desenvolvendo a idéia de fazer-se uma "colagem" de textos de diversos autores sobre o "homem, a mulher e a flôr." O entusiasmo tomou conta de Gláucia e de sua irmã, Vânia. Ambas mergulharam num vasto programa de leitura para selecionarem os textos que comporiam a peça. As partes selecionadas foram um texto de "Andrômaca", de Eurípedes, uma cena de "Romeu e Julieta", de Shakespeare, trecho de "O Pequeno Príncipe", de Saint-Exupéry, "Oração", de Michel Quoist, trechos de "O Profeta", de Kalil Gibran, "Mensagem", de Miguel Reale, "A Protagonista", de Carmen Silva, e mais textos e poemas de Paulo Bonfim, Millôr Fernandes, Vinicius de Moraes, Dicéa Ferraz, Ray Bradbury, Milton Severiano da Silva, Pedro Bloch e Eleonora Costa Pereira. Essa antologia foi inteligentemente combinada com a música vocal especialmente composta por

Luís Carlos Silveira, com fundos musicais de Liszt e Chopin e efeitos sonoros gravados especialmente para a peça pela Sinfônica do Teatro Municipal de São Paulo, dando origem a um magnífico espetáculo de arte e bom gosto que raptou a platéia e o juri pelos quarenta minutos que durou a viagem da tragédia grega de Eurípedes à ficção científica da Bradbury. O intervalo entre o final da peça e o troar dos aplausos que chamou os jovens de volta à cena deu a justa medida da surpresa e do agrado de todos.

A iluminação de James Ceciliato, noviço no culto da luz, acrescentou uma nova dimensão à peça já formidável, e completou um versátil guarda-roupa, válido tanto para a Grécia clássica como para a Idade Média e o Ano 2000.

Após as duas apresentações em vídeo-tape pela televisão paulistana e carioca, os responsáveis foram convidados para uma entrevista num conhecido programa de televisão, para falarem sobre o programa dos jovens na Igreja e rerepresentarem ao vivo a peça. Após algumas rerepresentações no correr deste ano, está-se planejando a ampliação do espetáculo para sessenta minutos de duração, visando a inscrevê-lo no próximo Festival Estadual de Teatro Amador. O novo elenco será integrado pelos participantes de todas as alas que mais se destacaram no festival da Estaca.

"Ela me perfumava, me iluminava e embalsamava o planeta", diz a flor numa das cenas extraídas de O Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry.



Longe do Brasil, Perto do Coração

segundo um informe do nosso correspondente em Salt Lake City
James W. Smart



QUANDO os Bangerter chegaram aos Estados Unidos após sua estada no Brasil, o Presidente William Grant Bangerter, que presidira a Missão Brasileira de 1958 a 1963, foi chamado a preencher um cargo no Comitê de Ensino Familiar do Sacerdócio da Igreja. Sua nova posição o conduziria a visitar conferências em Utah, Califórnia, noroeste dos EUA e México.

Atualmente o Pres. Bangerter foi chamado como representante regional do Conselho dos Doze para as cinco estacas que compõem a região de Coalville entre os estados de Wyoming e Utah.

A família não perdeu o seu impulso e capacidade de trabalho, pelo contrário, a tem desenvolvido. A Irmã Bangerter é atualmente membro da Junta da Sociedade de Socorro da Estaca, promovendo com sucesso o programa de refinamento cultural. Lee Ann, a filha mais velha formou-se especialista em educação pela Universidade Brigham Young e atualmente dedica-se à educação de excepcionais.

O primeiro missionário da família é Cory, designado para a Missão Brasileira do Sul, onde esteve pregando até abril do ano passado. Enquanto prepara-se cursando escola superior dedica-se também a ensinar português aos missionários. Seus irmãos planejam sèria-

mente seguir os seus passos na divulgação do Evangelho do Senhor.

As outras mōças da família dedicam-se com tōda energia aos estudos, Glenda com uma bolsa de estudos no Ricks College, Julie cursando o primário e francês, Peggy Brasília seguindo de perto os passos da irmã. A filha mais nova do casal é Duella, agora com quatro anos de idade.

Frequentemente perguntam aos Bangerter se eles sentem saudades do Brasil, e eles respondem sempre: "Nāo, só quando pensamos no Brasil, o que fazemos o tempo todo." Comprazem-se em receber as novas do Brasil, satisfeitos com o progresso que a Igreja vem obtendo aqui. Nāo esquecem a oportunidade que tiveram de trabalhar entre o nosso povo o qual consideram grandemente favorecido pelo Senhor.

Assim expressou-se o Irmāo Bangerter com respeito ao nosso país: "O Brasil tem uma atitude auto-sustentadora, dināmica e progressista. O povo nāo teme que sua nação venha a desagregar-se. Os membros estāo aptos a desempenhar posições de liderança, e nisso mostram-se capazes, dināmicos e devotados. Temos notícia de que a estaca é poderosa. É um sinal de maturidade e fōrça quando as alas sāo capazes de trazer membros para a Igreja e mantê-los nela."

Até Muito Breve, Irmãos



Seu corpo voltou ao pó e seu espírito a Deus, que o deu; assim passou José Degelo para o descanso dos justos.

O irmão Degelo teve uma trajetória curta em Israel, desde quando juntou-se ao rebanho do Senhor, há oito anos; não obstante, fêz dêsses anos um tempo fértil e colheu muito, ajuntando nos celeiros do Senhor, de onde certamente virá a sua recompensa ao soar da hora que já não tarda.

Deixou aos irmãos da Igreja em Campinas boas obras e exemplo, e êstes o prantearam com amor. Ainda nos seus últimos dias desta jornada, cumprindo o mandamento de estar no dia santificado adorando ao Senhor em sua casa de culto, estêve na reunião sacramental deixando com todos saudades e sua inesquecível imagem. Até muito breve, Irmão.

Do Japão, Com Amor

Nagoya (Japão), 30 de janeiro de 1969.

Prezados Irmãos

Estou muito satisfeita de poder estar trabalhando aqui em Nagoya. Minhas companheiras, Irmãs Yamashita, de Yokohama, e Shimazaki, de de Hokkaido, têm sido muito boas para mim, ajudando-me bastante.

Estamos dando aulas para quinze investigadores em nossa capela. O povo daqui é muito simpático e esforçado, e creio que dentro de pouco tempo construirão a capela de Nagoya.

Agora é inverno e está fazendo um intenso frio. Temos tido chuva por alguns dias. O trabalho e o estudo nos tem absorvido bastante.

Agradeço aos irmãos por todo o seu carinho para comigo e envio a todos um forte abraço.

Irmã Fujihara

(A Irmã Yoshiko Fujihara, da Ala II da Estaca São Paulo Leste, é a primeira missionária nissei a sair do Brasil para levar a mensagem do Evangelho à formosa terra do Sol Nascente.)



Da esquerda para a direita: Irmãs Yamashita, de Yokohama; Shimazaki, de Hokkaido; e Fujihara, de São Paulo

Mamãe, Muito Obrigado por Tudo

Richard L. Evan

do Conselho dos Doze

Nada há nesta vida que se assemelhe ao amor de mãe: curando, orientando, apaziguando, assegurando, com um efeito de tão longo alcance. E em tôda esta vida nada há mais compensador que a obra das mães. Tão grande é que parece que Deus não a poderia dar a ninguém mais — uma tarefa que um milhar de outras mãos jamais poderiam fazer com tanto sentido: ensinar, treinar, alimentar, cuidar, aconselhar, encorajar, estabelecer o curso do caráter, com disciplina quando necessário, e com sábia restrição bem dosada com amor para temperar todo o aprendizado das lições da vida. “Desde o dia em que nasce o teu filho,” disse Sócrates, “deves ensiná-lo a passar sem certas coisas.” E algumas vêzes tem sido dito: “Dizer não é uma outra maneira de dizer eu te amo.”¹ Amar com sábia restrição e terna disciplina é a verdadeira essência da missão das mães. “A infância é como um espêlho; reflete na vida futura as imagens que lhe foram apresentadas; a primeira imagem continua para sempre com a criança... ela aprende por simples imitação... quase que através dos poros da pele.”² E são os primeiros anos os importantes; cêdo são instilados e excitados os interêsses; cêdo a mente e as maneiras entram em formação; cêdo vemos a imagem da mãe refletida na criança. “Que as mães se apeguem à ternura pertinente... aos deveres comuns,” dizia Anna Lindsay, “sem perderem a divina doçura da vida a fim de fazer carreira. Deixaremos o lar, a família e os deveres domésticos,” perguntou ela, “para as mulheres alegres, afeiçoadas e altruístas que poderíamos ter sido? Que nós mães possamos viver de modo a sermos inspiração, fôrça e bênção para aquêles cujas vidas forem tocadas pela nossa.”³ Tal é o bendito trabalho das mães, e a sua essência deve ser a persuasão, a gentileza e o amor genuíno; para que assim, seja ao dizer “não,” ou seja ao dizer “sim” nas lições ministradas, nas lições vividas, a criança possa dizer: “Senti-me amado e enaltecido.”⁴ E às mães: “Como se pode dizer obrigado por tanto, tanto?”

1. Autor ignorado, atribuído a Art Linkletter.

2. Phillip Brooks.

3. Anna R. Lindsay, *What is Worth While?*

4. Theo Cheluiden, *Sunshine Magazine*, Setembro de 1967.

Resche